



CENTRO UNIVERSITÁRIO FAMETRO - UNIFAMETRO
CURSO DE BACHARELADO EM PSICOLOGIA

ALAN CARLOS DE AQUINO JUCÁ
ISABELLE ALVES VIEIRA

AS MIRAGENS EGÓICAS DO DIAGNÓSTICO PSIQUIÁTRICO: UMA
OBSERVAÇÃO ONLINE

FORTALEZA

2024

ALAN CARLOS DE AQUINO JUCÁ
ISABELLE ALVES VIEIRA

AS MIRAGENS EGÓICAS DO DIAGNÓSTICO PSIQUIÁTRICO: UMA OBSERVAÇÃO
ONLINE

Artigo apresentado ao curso de Psicologia do Centro Universitário Fametro como requisito para a obtenção do grau de bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Marcus Kleredis Monteiro Vieira.

FORTALEZA

2024

ALAN CARLOS DE AQUINO JUCÁ
ISABELLE ALVES VIEIRA

AS MIRAGENS EGÓICAS DO DIAGNÓSTICO PSIQUIÁTRICO: UMA OBSERVAÇÃO
ONLINE

Artigo apresentado ao curso de Psicologia do
Centro Universitário Fametro como requisito
para a obtenção do grau de bacharel em
Psicologia.

BANCA EXAMINADORA

Prof.º Me. Marcus Kleredis Monteiro Vieira
(Orientador)- UNIFAMETRO

Prof.ª Dra. Ana Carolina Borges Leão Martins
Membro - UFC

Prof.º Me. José Pereira Maia Neto
Membro – UNIFAMETRO

À nossa família, amigos e professores, que com dedicação e cuidado, nos orientaram na vida, nos ajudando a chegar aonde chegamos.

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste Trabalho de Conclusão de Curso é um marco significativo em nossa trajetória acadêmica, e gostaríamos de expressar nossa gratidão a todos que de forma direta ou indireta, contribuíram para a realização desse projeto.

Primeiramente, agradecemos a Deus, pela força, saúde e determinação para enfrentar os desafios ao longo dessa jornada;

Aos nossos pais e avós pelo suporte incondicional, carinho e compreensão durante todo o período de desenvolvimento deste trabalho;

Aos nossos amigos e companheiros de vida e de graduação, (Jesriel, Raquel, Lidy, Nathy, Eris, tia Malu, Livia, Celhinha e padrinho Ivanildo) por toda escuta, acolhimento e incentivo prestadas a nós durante todo esse processo;

Aos nossos professores que com estima e zelo tornaram nossa experiência acadêmica marcante e descontraída e por nos proporcionarem amplas trocas de conhecimentos e pela amizade;

Ao professor e orientador desse trabalho, por ter aceitado nos orientar e nos ajudar a reconstruir o nosso projeto dando suporte, dedicação e incentivo para que esse projeto obtivesse êxito. Agradeço especialmente por não nos deixar desistir e por ter nos ensinado muito sobre nossa profissão e psicanálise.

O sonho encheu a noite
Extravasou pro meu dia
Encheu minha vida
E é dele que eu vou viver
Porque sonho não morre.
(Adélia Prado)

AS MIRAGENS EGÓICAS DO DIAGNÓSTICO PSIQUIÁTRICO: UMA OBSERVAÇÃO ONLINE

THE EGOIC MIRAGES OF PSYCHIATRIC DIAGNOSIS: AN ONLINE OBSERVATION

Alan Carlos de Aquino Jucá¹

Isabelle Alves Vieira²

Marcus Kleredis Monteiro Vieira³

RESUMO

O desenvolvimento tecnológico trouxe uma série de inovações e modificações nos âmbitos sociais, uma delas foram as diversas possibilidades de expressão dos indivíduos nos ambientes virtuais. Atrelado a esse desenvolvimento, é possível perceber o aumento da propagação dos discursos psiquiátricos, embasados no Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais, cada vez mais profissionais se apropriam dessa temática, e criam conteúdo para fins de publicação nas redes sociais, aumentando o engajamento, viralização da temática e favorecendo a expressão dos sujeitos nos comentários das publicações. Desse modo, utilizando como base teórica a teoria psicanalítica Freudiana, e a sua obra introdução ao narcisismo de 1914, esse trabalho se propõe a investigar a partir de uma observação online, os fenômenos intrínsecos na identificação dos sujeitos com a temática dos diagnósticos, por meio das expressões dos conteúdos e publicações analisadas. Os comentários e sub comentários analisados foram divididos em três categorias principais: o diagnóstico como referência identitária, o efeito retroativo de significação do diagnóstico e a pertença social através do diagnóstico. Nesse viés, ao final desse trabalho será possível analisar por meio da observação e da análise de conteúdo de Bardin, o fenômeno das miragens egóicas produzidas pela identificação diagnóstica.

Palavras-chave: Redes Sociais; Diagnóstico psiquiátrico; Narcisismo; Observação.

ABSTRACT

Technological development has brought a series of innovations and modifications in social spheres, one of which was the diverse possibilities for individuals to express themselves in virtual environments. Linked to this development, it is possible to notice the increase in the spread of psychiatric discourses, based on the Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, more and more professionals are taking ownership of this theme, and creating content for publishing purposes on social networks, increasing engagement, viralization of the topic and favoring the expression of subjects in the comments of publications. Thus, using

¹ Graduando do curso de Psicologia da UNIFAMETRO

² Graduanda do curso de Psicologia da UNIFAMETRO

³ Professor Mestre do curso de Psicologia da UNIFAMETRO

Freudian psychoanalytic theory as a theoretical basis, and his work *Introduction to Narcissism* of 1914, this work proposes to investigate, from an online observation, the intrinsic phenomena in the identification of subjects with the theme of diagnoses, through of the expressions of the contents and publications analyzed. The comments and sub-comments analyzed were divided into three main categories: the diagnosis as an identity reference, the retroactive effect of the significance of the diagnosis and social belonging through the diagnosis. In this sense, at the end of this work it will be possible to analyze, through observation and Bardin's content analysis, the phenomenon of egoic mirages produced by diagnostic identification.

Keywords: Social Networks; Psychiatric diagnosis; Narcissism; Observation.

1 INTRODUÇÃO

A sociedade atual tem sido atravessada por uma série de modificações sociais que têm impactado os indivíduos em diversos aspectos. Entre essas transformações, pode-se citar o desenvolvimento tecnológico e a criação das redes sociais. O fluxo virtual incessante das postagens, “reações”, “likes” e comentários, fenômenos que apontam para uma convocatória do sujeito, parece construir modos de relacionamento e, numa perspectiva mais radical ainda, produzir subjetividades.

No cenário da denominada “Modernidade Líquida” (Bauman, 1999), onde a identidade perde solidez e segue o fluxo desenfreado das mudanças sociais, as redes sociais veiculam com frequência o discurso diagnóstico psiquiátrico. Na liquidez virtual, as categorias nosográficas psiquiátricas parecem não apenas nomear o sofrimento psíquico do sujeito, mas também instituir balizas imaginárias para a constituição do “eu”. Nessa perspectiva, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM, inicialmente utilizado como instrumento diagnóstico por profissionais da área da saúde mental, vem capilarizando cada vez mais sua presença discursiva no senso comum.

Atrelado ao desenvolvimento das redes e à expansão do discurso diagnóstico psiquiátrico nesses meios virtuais, surge um fenômeno de grande relevância para análise: o acesso dos usuários a esses conteúdos e seus efeitos identificatórios para o sujeito.

Posto isso, este trabalho tem como objetivo geral analisar como os usuários se apropriam discursivamente das categorias diagnósticas como elementos constitutivos do “eu”. Para tanto, adotou-se como objetivos específicos estudar a teoria psicanalítica acerca da constituição narcísica do “eu”; compreender os efeitos sócio discursivos da expansão das categorias nosográficas; e, por fim, vislumbrar as formas de interação assumidas nas redes sociais, mais especificamente no “Instagram”.

É nesse contexto, que o trabalho, a partir do crivo teórico da Psicanálise, realiza uma observação online simples, com roteiro previamente construído, dos comentários e subcomentários em postagens de “Instagramer” com grande número de seguidores. Para efeito de análise do material extraído da observação, na perspectiva metodológica da análise de conteúdos de Bardin (1977), definiu-se três categorias para a análise dos resultados: A primeira delas foi “O diagnóstico como referência identitária”, onde analisou-se a implicação do diagnóstico na constituição da subjetividade e no reconhecimento de si; outra categoria analisada foi “O efeito retroativo de significação do diagnóstico”, onde foi possível analisar no discurso dos usuários, elementos da sua história de vida que só passaram a fazer sentido para esses indivíduos a partir do diagnóstico; observou-se também “A pertença social através do diagnóstico”, nessa categoria foi possível perceber os ganhos adquiridos por esses usuários observados, a partir do diagnóstico, onde esses indivíduos encontram nesses ambientes virtuais comunidades e pessoas que compartilham do mesmo discurso, gerando nesse sujeito uma sensação de pertencimento social.

Nesse viés, foi possível analisar e considerar ao final desse trabalho os impactos do discurso psiquiátrico para os usuários e as implicações da propagação nosográfica – e semiológica - nas redes sociais, produzindo um efeito de significação em relação a si, ao outro e, até mesmo, numa dimensão retroativa, quanto à própria história de vida. Identificamos a partir das categorias analisadas que as redes sociais permitiram aos usuários diferentes possibilidades de expressões, incluindo questões da própria existência dos sujeitos. Desse modo, analisamos que esse ambiente virtual é um grande potencializador dos discursos psiquiátricos, corroborando com a identificação e apropriação dessa temática pelos usuários.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Eu e Narcisismo

O “eu” como problema teórico não foi algo primariamente inaugurado por Freud, já existindo no mundo ocidental, sobretudo na Filosofia moderna. A partir desse momento já podia ver-se resquícios e elementos do “eu” que concebemos nos dias de hoje. Segundo Dunker (2008), em Descartes, nos defrontamos com uma noção de “eu” que poderia ser refletida hoje como um “eu consciente” dotado de solidez e transparência de si mesmo. É essa concepção

que, em grande medida, atravessa os tempos e passa a compor distintas disciplinas filosóficas e científicas, bem como o senso comum.

A Psicologia como ciência não se privou das influências da Filosofia moderna, mas teve na Psicanálise freudiana o primeiro questionamento quanto à solidez e transparência do “eu” cartesiano. Antes de Freud, o “eu” apresenta uma dimensão ontológica, sobretudo nas Psicologias humanistas, inspiradas na filosofia de Henri Bergson (1927-1988), com a perspectiva de “fluxo da consciência”, podendo essa consciência ser auscultada interiormente ou acessada imediatamente. Bergson, para Rossetti (2001), apresenta uma noção de “eu” dividido em duas dimensões que são o “eu” superficial e profundo. Sendo o “eu superficial” marcado pelo momento de realidade exterior, enquanto o “eu profundo” como capacidade de mergulharmos na consciência como algo idêntico a si mesmo.

Conforme Rossetti (2001, p. 618) “O eu profundo sofre a influência do eu superficial que caminha até as profundezas da consciência dominando nossas sensações, sentimentos e ideias que, então, desprendem-se uns dos outros e justapõem-se numa duração homogênea.

Portanto, observa-se que a consciência assume um papel de destaque na filosofia de Bergson que servirá de base na visão humanista. Melo (2015), assegura que a concepção de Bergson de que o indivíduo se atualiza e está em evolução está intimamente ligada às abordagens humanistas, bem como associada também com ideia de impulso vital que seria espécie de força interior presente no ser humano.

Não obstante, o entendimento do “eu como essência”, utilizado por outras escolas psicológicas, opõe-se à compreensão psicanalítica freudo-lacanianana. Assim, o “eu” em Psicanálise é elaborado como uma ficção que se constrói ao decorrer da vida, afastando do conceito de “eu” como instância unitária e dimensão self. Sendo assim, Freud (1914), definiu que não é possível contrastar uma unidade do “eu”, mas que esse “eu” precisa ser desenvolvido.

O autor explica que,

É uma suposição necessária, a de que uma unidade comparável ao Eu não existe desde o começo no indivíduo; o Eu tem que ser desenvolvido. Mas os instintos autoeróticos são primordiais; então deve haver algo que se acrescenta ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que se forme o narcisismo (Freud, 1914, p. 18).

Benigno (2016), destaca que a concepção do “eu”, atrelada a consciência que tudo opera e é eficaz ao saber, foi modificada com as contribuições de Freud sobre o psiquismo, agora, a consciência se tornou no mínimo misteriosa, originada do inconsciente a qual não obtém fronteiras nítidas. Com isso, não podemos nos auto afirmar com segurança que conhecemos a

nós mesmos, já que há algo desconhecido e estrangeiro que nos cerca e nos habita, e frequentemente ameaça-nos a emergir e produzir repercussões em nossas vidas. “Somos estrangeiros de nós mesmos” (Benigno, 2016, p. 33). Provavelmente, aí se estabelece a ferida narcísica designada por Freud, que permanece carregando desconforto.

Antes mesmo de publicar a obra que deu vida ao termo Narcisismo, Freud escrevera sobre alguns conceitos antecedentes a essa fase, como o Auto- Erotismo. Garcia-Roza (1995) discutem que esse termo caracteriza um estado original da sexualidade infantil, anterior ao do Narcisismo, no qual a pulsão sexual encontra uma satisfação parcial, sem recorrer a um objeto externo. O autor também cita, que o que antes era apenas uma ação de satisfação de uma necessidade básica de vida, como a relação entre o bebê e a mãe selada pela amamentação, passa a ser uma busca intensa da criança por esse prazer já obtido anteriormente em um objeto externo (mãe), como no sugar do leite materno. Por fim, a criança começa a exercer agora uma “auto” busca por esse prazer. É nessa fase, que o indivíduo inicia suas noções iniciais de “eu”, e se utiliza do próprio corpo, como por exemplo no sugar do polegar, para reviver o prazer já vivenciado em um objeto externo.

É somente em 1914, que o termo Narcisismo é consolidado, uma vez que foi dividido em Narcisismo primário e Narcisismo secundário. Como concebido por Garcia-Roza (1995), nesse primeiro momento a constituição do “eu” efetiva-se com o concurso da revivescência do narcisismo dos pais, que atribuem ao filho todas as perfeições, além de concederem a ele privilégios que eles próprios foram obrigados a abandonar. Portanto, nessa primeira instância, esse “eu” que ainda está em processo de formação e se constitui a partir das experiências, trocas e afetos proporcionadas por terceiros, toda a imagem elaborada de si mesmo nesse momento, é fruto das relações e do investimento da figura dos cuidadores. É importante citar que no Narcisismo primário, a criança enfrenta um certo conflito de elaboração da própria imagem, sem distinguir ainda, o “eu” do mundo externo que está sendo lhe apresentado.

Outro autor de relevante importância e que também se debruçou sobre esses conceitos Freudianos foi Jacques Lacan. Para Jorge e Ferreira (2005) em um congresso apresentado em 1949 o autor introduz um estudo sobre o tema, “O estágio do espelho como formador da função do eu”. Lacan aponta que o “eu” é um objeto que se constitui através da linguagem, das imagens e objetos de interesse. É nesse momento que o autor descreve a fase crucial para o desenvolvimento humano em que a criança se depara com a própria imagem refletida no espelho e passa a perceber uma unidade corporal nessa imagem e não apenas como partes

fragmentadas de si. Essa etapa é fundamental para a construção do “eu”, que é algo construído e elaborado.

Fulgencio (2002) aponta que a teoria da libido está articulada com todo o processo do desenvolvimento do psiquismo. O contexto de vida, as relações, as interações e as influências sociais, influenciam diretamente as escolhas e os investimentos libidinais que serão feitos ao longo da vida de um sujeito, visto que, desde os primeiros anos de vida, somos quem somos pelo que é nos dito e mostrado. Doravante, é gerado um paradoxo no sujeito, entre os investimentos libidinais no “eu” e nos objetos do seu próprio mundo, onde apesar de ter consciência de si, esse “eu” se constitui a partir do olhar do outro, a esse fenômeno denominamos de “eu” social.

2.2 O discurso psiquiátrico e sua dimensão identificatória

No tópico anterior, abordamos o “eu”, não como uma essência, mas como uma construção que se dá a partir do “outro”. Observamos que a constituição do “eu” no narcisismo primário ocorre a partir de traços de imagem fornecidos pelo “outro”. Diante disso, indaga-se aqui se o diagnóstico psiquiátrico veiculado pelos influencers configura-se como uma das formas de construção de traços identificatórios para o “eu”. Nesse sentido, a partir de bibliografia específica, tratar-se-á do diagnóstico psiquiátrico enquanto elemento identificador do sujeito.

O diagnóstico psiquiátrico emerge a partir do momento que a Psiquiatria se apropria da loucura e a conceitua como doença mental. A experiência da loucura passa a ser visionada como entidade nosológica, assim o saber psiquiátrico passa a ser categoria definidora de juízo sobre o louco. Dessa forma, a Psiquiatria torna-se viável como instrumento e foro em conceber o que é capaz e incapaz dando vazão para entendimentos contemporâneos sobre o que é doença mental e saúde mental.

Em virtude dessa discussão, Baroni, Vargas e Caponi (2010, p.72) declaram que “nesse processo, os problemas cotidianos passam a ser definidos como assunto de saúde e doença, discutidos em termos médicos e tratados com fármacos, refletindo uma nova forma de controle social com pretensão normalizadora.”

Todavia, Baroni, Vargas e Caponi (2010) pontuam que a Psiquiatria retém força e popularidade, pois entidades como a Organização Mundial de Saúde – OMS, desde sua criação, juntamente com associações de saúde mental, publicam referenciais que buscam denominar e

abarcam um campo da saúde e do doente mental. “Já na própria história da criação do termo saúde mental pelo saber psiquiátrico, atrelado também à história da Saúde Pública, a doença era o foco de atenção inicial ao se olhar para o mental” (Baroni; Vargas; Caponi, 2010, p.70).

Sendo assim, o sistema médico psiquiátrico coloca em xeque a experiência subjetiva do paciente e passa a olhar seus sofrimentos psíquicos através de uma variedade de diagnósticos. Estes têm por objetivo criar um indivíduo sem conflitos, seguindo um modelo-padrão de normalidade onde o sujeito diagnosticado sinte-se capaz de encarar o cotidiano, sem está com suas emoções “dominadas”. Deste modo, “A ciência médica vem tornando patológico algo que é da singularidade do sujeito. Um sentimento advindo de alguma situação estressora torna-se alvo dos vários diagnósticos psiquiátricos produzidos nos consultórios médicos” (Freitas; Reuter, 2021, p. 2).

Nesse viés, atualmente, a difusão dos diagnósticos psiquiátricos é potencializada pelas mídias e tem como múnus o estabelecimento projetivo do sujeito com o transtorno especulado, fazendo esse fenômeno acontecer de maneira versátil, tanto pelas mídias sociais, como na própria clínica psiquiátrica. Ou seja, o diagnóstico psiquiátrico está para o âmbito da identificação do eu, com a narrativa de critérios normalizadores das vivências do cotidiano do sujeito, enquanto a experiência viva do sujeito em sofrimento psíquico é descartada.

A difusão social do conceito de doença tem o objetivo de fazer com que o próprio paciente possa fazer seu diagnóstico e sugerir o tratamento ao seu médico. Como no DSM é realizado pela mera identificação de sintomas, não dependendo de nenhum exame complementar, é perfeitamente possível que o próprio paciente estabeleça seu diagnóstico e até mesmo o tratamento farmacológico que achar conveniente. O DSM virtualiza o médico, fazendo com que cada paciente possa, exceto pelo papel doravante burocrático de assinar a receita, torna-se médico de si mesmo (Aguilar, 2004, p. 100).

O sujeito, na perspectiva da modernidade líquida, conforme definido por Bauman (2001), experimenta a liquefação, ou seja, a impermanência, inclusive da identidade. Se, outrora, o outro possuía “solidez”, estabilidade, hoje vacila em sua função de nomeação e enquadramento identitário do sujeito. É nesse sentido que os influencers e profissionais “psi” em geral passam a ocupar a função de suplência do outro nomeador do sujeito através dos significantes psiquiátricos.

O diagnóstico psiquiátrico, é, portanto, prestado para o indivíduo como uma segurança perante a modernidade líquida, assumindo não apenas o efeito nomeador de identidade ao sujeito, mas garantindo uma aceitação social. Diante do contraste social o sujeito assume um lugar passivo, pois a velocidade do mundo contemporâneo não permite mais o indivíduo pensar

sobre ele. Assim, a modernidade capitalista gera o derretimento das direções da ordem da sociedade, conduzindo para o indivíduo a responsabilidade de se realocar, através dos seus esforços em algum molde pré-fabricado na nova ordem social (Bauman, 2001).

O que acontece é que o sujeito é apenas uma peça do sistema social, como aborda Bauman (2001) em sua obra sobre a modernidade fluida. Assim, o sujeito que anteriormente produzia sentido e sentimento de pertencimento através do espírito nacionalista ou religioso e através de outras intuições sólidas, como escola e família. Agora, o indivíduo constrói sua identidade a partir de referenciais diagnósticos.

Dessa forma, o DSM, além de constituir um manual classificatório de “adoecimentos psíquicos”, tem o intuito de promover certos conceitos “evidentes” por meio de campanhas educacionais universalizantes, com fim de ampliar a popularização de tais conceitos e aumentar o mercado consumidor de fármacos.

As companhias farmacêuticas e seus aliados contadores de histórias, criar mercados para vários tipos de fármacos psiquiátricos. Eles bancaram campanhas "educativas" para tornar o público mais "consciente" das várias doenças para as quais os remédios eram aprovados e, ao mesmo tempo, ampliaram as fronteiras diagnósticas dos distúrbios mentais (Whitaker, 2017, p.324).

Martinhalgo e Caponi (2019) fazem indagações precisas para essa discussão ao questionar a proliferação de diagnósticos psiquiátricos nos últimos tempos, associando esse aumento a cada nova atualização do DSM. Talvez seja o momento de perguntar: a popularização do discurso psiquiátrico, ao invés de ser uma “constatação científica”, não seria, por si, produtora de uma epidemia de transtornos? Esta pergunta extrapola o tema do nosso trabalho. Por ora, o que já se apresenta como ambição considerável, esperamos compreender os efeitos nomeadores e constitutivos do “eu” da referida popularização desse discurso. Com esse intuito, abordaremos no próximo tópico as redes sociais, principalmente o Instagram, como veículos desse discurso e, sobretudo, projeções e constituições virtuais do “eu”.

2.3 As redes sociais e o espetáculo do “eu”

O fenômeno crescente dos diagnósticos e do que podemos chamar de espetáculo do “eu”, muito perceptível atualmente, tem sido atravessado pelo desenvolvimento das tecnologias midiáticas, entre elas podemos citar a criação das redes sociais. Como define Debord (1997), o termo espetáculo nesse contexto está relacionado a uma sociedade que é regida por imagens,

sendo essas imagens na sociedade atual mediadores sociais e constituintes de subjetividade. É nesse viés, que as redes sociais em especial o Instagram obteve ascensão, sendo espaços virtuais destinados a exposições e espetáculos diários do “eu”.

Antes da criação das redes sociais, os seres humanos buscavam outras formas de interação. Como descreve Ferreira (2011), antes do surgimento da internet criada em 1969 nos Estados Unidos e trazida ao Brasil em 1988, o telefone, a carta e o telegrama eram os métodos utilizados para entrar em contato com amigos e familiares. É nesse contexto, que ao longo desses anos foram desenvolvidas diversas redes como o Instagram, com uma proposta inicial de sanar as necessidades de comunicação, porém com as atualizações, e com o desenvolvimento tecnológico as redes sociais passaram a ter outros propósitos.

A proposta inicial da rede social Instagram era o compartilhamento de imagens e selfies, que se caracterizam por autorretratos feitos pelo próprio usuário. Por isso, dentro da própria rede era possível realizar algumas edições, como o uso de filtros para fazer ajustes e melhorar a imagem. Esse formato de postagens e atualizações como os Stories, imagens que ficam disponíveis para os seguidores por 24 horas, é que essa rede teve uma imensa popularização, passando a se tornar algo habitual e corriqueiro, do dia a dia de muitas pessoas, tornando-se uma das redes sociais mais utilizadas do mundo nos últimos anos.

É sobre essa perspectiva da análise das redes sociais especificamente do Instagram e baseado nos estudos de Debord (1997) que identificamos o fenômeno da espetacularização voltada ao diagnóstico, visto que podemos encontrar nesses lugares virtuais, um terreno fértil de imagens espetacularizadas para a produção de subjetividades, mais especificamente na dimensão imaginário do Eu, bem como modos de enlace social.

É a partir desse contexto, aliado a espetacularização do “eu” já citada anteriormente, utilizando como meio de propagação e investimento libidinal do “eu”, as redes sociais, a imagem e a sustentação desse eu idealizado, é que o discurso e a identificação das categorias diagnóstica têm se sustentado e se propagado nos dias atuais. O que anteriormente não era exposto, hoje é exposto na sociedade atual e no mundo invadido pelas redes sociais, que exige que o sujeito esteja em constante evidência para ser lembrado, validado e para pertencer a algo.

Com isso, esses fatos descritos reforçam toda a teoria descrita acima acerca do desenvolvimento do narcisismo primário ao secundário e os investimentos libidinais. É notório perceber que todo esse contexto se inicia a partir de um olhar do outro, a partir de uma identificação, esse “eu” parece sempre querer pertencer. Portanto, o conceito de “eu” social se mostra de forma exuberante nesse contexto.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa foi impulsionada por uma série de questionamentos surgidos no próprio uso cotidiano das redes sociais. Ao observar o grande número de usuários “engajando-se” ao discurso psiquiátrico nas redes sociais, sobretudo no Instagram, surgiu a primeira e fundamental pergunta: qual é o ganho narcísico da adesão acrítica às categorias nosográficas?

Instigada por uma pergunta, evidentemente, sem aprofundamentos empírico e teórico iniciais, esta pesquisa se propõe por meio da literatura psicanalítica utilizar a observação simples e online, analisando o fenômeno do discurso diagnóstico psiquiátrico veiculado na rede social *Instagram* em sua dimensão identificatória para o sujeito.

O método observacional é considerado um dos mais empregados em pesquisas nas ciências sociais, como também na Psicologia. Segundo Pallazi, Schmidt e Piccinini (2020), a observação pode ser definida como um recurso essencial dentro da pesquisa científica, visto que nos permite ter uma visão externa, dinâmica e objetiva do campo. Além disso, esse método possibilita uma maior amplitude em torno do tema, já que a partir dele conseguimos acessar aspectos intrínsecos e específicos da temática analisada, mesmo que sem um contato direto com os indivíduos selecionados para a pesquisa. É importante salientar, que a observação científica simples não é a observação popularizada no senso comum, em termos de pesquisa, esse método deve possuir criticidade quanto aos elementos que serão analisados e deve ser norteadada por instrumento como um roteiro observacional que servirá como base durante todo o processo. Ademais, escolhemos esse método de investigação, devido a escolha do campo, a rede social *Instagram*, o que possibilitou uma observação mais ampla e fidedigna desse ambiente virtual.

Para fins de constituir e elaborar a pesquisa, selecionamos por meio de uma busca feita na plataforma de busca principal da internet, o Google, um perfil da rede social Instagram, utilizando os seguintes descritores: “psiquiatra”, “famoso”, “famosa” e “Instagram”. Não sem o enviesamento algorítmico, foram encontrados cinco perfis principais de influenciadores que falam sobre a temática: @anabeatriz11 (Beatriz Barbosa), @arthurdanila.psiquiatra (Arthur Danila), @italomarsili (Italo Marsili), @drdavidsender (David Sender) e @pedrogomesrosa (Pedro Gomes).

Entre os cinco perfis encontrados, selecionamos em fevereiro de 2024, a médica psiquiatra Ana Beatriz Barbosa, com o perfil ativo encontrado em: <https://www.instagram.com/anabeatriz>. Foram utilizados os seguintes critérios para essa escolha: a) Perfil com maior número de seguidores. Foi verificado que a “instagramer” tem

mais de 4 milhões e 800 mil seguidores; b) Um grande número de postagens sobre as categorias diagnósticas. O perfil selecionado tinha 57 postagens sobre diagnósticos psiquiátricos, desde janeiro de 2024 até abril de 2024, gerando assim, um grande engajamento de usuários. Salienta-se que o mês de abril foi o utilizado para colher nossa amostra e que os dados dos meses anteriores têm o intuito de justificar que essa ação é algo constante.

A coleta de dados da pesquisa foi realizada através da observação simples, tendo como referência roteiro elaborado a partir de observação exploratória inicial, que segue em quadro abaixo:

Quadro 1 – Roteiro

<p>1. A Postagem</p> <p>a. Observar a composição imagética da postagem: performance e cenário;</p> <p>b. Analisar o conteúdo discursivo da postagem;</p> <p>c. Atentar para o número de interações (curtidas e comentários) da postagem;</p> <p>d. Identificar os comentários mais engajados através de curtidas e sub comentários por demais usuários</p>
<p>2. Formas de interações dos seguidores/sujeitos com a postagem</p> <p>a. Observar se os seguidores se implicam pessoalmente no discurso diagnóstico;</p> <p>b. Atentar para as formas de implicação dos seguidores no discurso diagnóstico;</p> <p>c. Analisar como os seguidores se identificam melhor com o diagnóstico</p> <p>d. Verificar se outros discursos se articulam ao discurso psiquiátrico</p>

Fonte: Os autores, 2024.

O escopo da observação, é importante destacar, não são as postagens propriamente ditas, mas os comentários e sub comentários dos seguidores do perfil, sobretudo aqueles que revelam uma implicação subjetiva. Além disso, atentamos para as interações entre os próprios seguidores expostas nos comentários. Como concebido por Silva (2019), esse processo de análise e coleta de dados tem uma diversidade de possibilidades, assim, o autor discute o desenho metodológico, abordando que nunca se repete, porque a cada investigação as escolhas são únicas e as observações são singulares.

A análise de dados foi feita a partir do referencial teórico da Psicanálise freudolacaniana e do procedimento metodológico da Análise de Conteúdo de Bardin (1977). A autora trás os critérios de análise serão expostos aqui após observações prévias. Assim é pontuado 3 categorias principais de análise de conteúdo que irá nortear a observação, a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados obtidos.

Na pré-análise, encontramos uma fase de mapeamento, e de reconhecimento do tema que será explorado, nessa fase é realizado o planejamento do projeto, tais como: os elementos

que serão utilizados como observação, o campo observacional e o perfil do sujeito a ser analisado. Nesta etapa definimos como campo observacional a rede social *Instagram* e as postagens do perfil da influencer Ana Beatriz. Como perfil a ser analisado selecionamos os seguidores da influencer, a partir das expressões encontradas por meio dos comentários e sub comentários deixados nas publicações selecionadas.

A segunda etapa do processo de investigação, a partir do método de Bardin (1977), é a fase de exploração do material. Nessa etapa realizamos a parte prática do projeto, a partir das buscas e recorte do material que será analisado, é a etapa de investigação, onde o pesquisador está inteiramente inserido no campo. Nesse viés, concluímos aqui as buscas do material de análise definido: os comentários e sub comentários das postagens da influencer. Selecionamos e fizemos o recorte daqueles comentários de maior relevância, seja pelo discurso nele exposto, seja pelo número de curtidas e sub comentários dos comentários escolhidos. Além disso, a escolha desses materiais foi norteada por três categorias construídas em um roteiro prévio: o diagnóstico como referência identitária, o efeito retroativo de significação do diagnóstico e a pertença social através do diagnóstico. A partir desses três pontos, fizemos o recorte dos comentários que se adequam a cada uma das categorias definidas.

Na terceira e última etapa temos o tratamento dos resultados obtidos. É a última parte do processo de observação. Aqui é realizada a análise dos materiais recortados, a partir do campo de observação, do perfil escolhido e das categorias definidas. Por isso, no tratamento dos resultados, pautados na teoria psicanalítica, descrevemos nossas análises, as implicações dos elementos recortados no ambiente das redes sociais e nos usuários, a partir da observação simples e correlacionando com a teoria Freudiana.

O período de observação dessa pesquisa foram as publicações do mês de abril, definidas a partir do grande volume de postagens da influenciadora devido ao relevante evento específico deste mês, a alusão a causa do Transtorno do Espectro Autista, colaborando com que os conteúdos da influencer viralizasse e alcançassem um grande engajamento dos seus seguidores, em formas de comentários e sub comentários. Além desse conteúdo, também utilizamos as publicações feitas pela a influencer referente ao Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, postadas em recortes de uma participação da psiquiatra em um podcast, onde a própria também se identifica com esse transtorno, e traz informações sobre as principais características e tratamentos, esse conteúdo também obteve um grande alcance de usuários.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nossa amostra consiste nos comentários e sub comentários dos seguidores em duas postagens. O critério de seleção dessas postagens se dá por elas terem acontecido no mês de abril de 2024 e por se tratarem estritamente sobre o diagnóstico psiquiátrico. Vale destacar que para efeito da observação proposta o que importa não são as postagens propriamente ditas, mas os comentários e sub comentários de seguidores ensejados por elas.

A primeira foi publicada no dia 02 de abril de 2024 com a seguinte descrição: “Neste dia mundial da Conscientização do Autismo, homenageamos a singularidade e a aceitação como o lema inspirador: “O amor dissolve todas as barreiras”. Propagamos compreensão e inclusão, valorizando a contribuição única de cada um ao mundo. #autismonãotemcaratendiagnostico”. Essa publicação até o dia 23 de maio de 2024, data que ocorreu a observação, obteve 1.157 comentários, 1.627.653 reproduções e 16.300 compartilhamentos, sendo o número total de curtidas da publicação visualizada somente pela influencer.

O vídeo publicado pela influencer tem características profissionais, contém cortes, bem como, zoom para enfatizar algumas falas da influencer e observa-se que o cenário utilizado para gravar conteúdo é neutro, mas a influencer utiliza vestimentas em tom azul como a cor que representa a causa do Autismo.

A segunda postagem: “Compreendendo o TDAH”, analisamos neste vídeo realizado em um podcast, um recorte de uma fala da autora sobre o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Nesse recorte a autora se debruça sobre os sintomas e o modo de ser de um indivíduo com TDAH. A postagem foi realizada no dia 12 de abril de 2024, apresentou 3.561.873 reproduções e reações, também conta com 1.217 comentários, esses dados correspondem até o dia da que foi realizada a observação 24/05/2024, não obstante é notório o engajamento e o grande alcance.

Após a primeira observação - de caráter pré-analítico, na perspectiva de Bardin - realizada dos comentários e sub comentários das postagens acima descritas, construímos as seguintes categorias com o intuito de análise: o diagnóstico como referência identitária; o efeito retroativo de significação do diagnóstico e a pertença social através do diagnóstico.

4.1 O diagnóstico como referência identitária

O diagnóstico ao longo da história sempre se manteve associado ao campo da medicina, porém o diagnóstico psiquiátrico foi propagado por meio de um discurso com linguagem comum, principalmente por causa de seus manuais descritivos de transtornos mentais como o DSM, que abordam os sintomas de forma generalista (Martinhago; Caponi, 2010).

Essa noção generalista, universalista sobre as questões intrínsecas do sujeito, não apenas elimina as circunstâncias sociais e singular, como ao mesmo tempo responsabiliza o sujeito a assumir o seu sofrimento psíquico como um “desvio de norma”. Agora, o sujeito toma para si e se re-situa não a partir de sua experiência vivencial, mas a partir do diagnóstico especulado ou recebido.

Podemos dizer que, tanto o diagnóstico empresta ao sujeito uma “cara” ou um “rosto”, como também, perpassa uma sensação de controle perante a insegurança e a desorientação tanto na dimensão coletiva como no individual. Por isso o diagnóstico psiquiátrico ganha força, sendo considerado digno de ser investido pelo sujeito.

Em ambas as postagens analisadas, os comentários dos usuários demonstraram que os diagnósticos psiquiátricos se apresentaram como protagonistas para estes usuários na construção de traços identificatórios do “eu”. Em alguns comentários produzia-se então falas nesse sentido: “Eu sou autista nível suporte 1. Tive meu diagnóstico depois de adulta (...)”, esses outros usuários também comentam: “Sou autista e o diagnóstico transformou minha vida, tudo começou a fazer sentido” e “E eu que sou TDAH e tenho discalculia...”; “Nossa, você definiu minha vida”. Chega-se então à verdadeira questão que dá sentido ao que enfatizou Baroni, Vargas e Caponi (2010), que o sujeito passa a se compreender a partir da dimensão diagnóstica psiquiátrica e apropria-se do diagnóstico como nome próprio, utilizando ‘eu sou’. Fica patente que o diagnóstico, muitas vezes uma simples nomenclatura, é convocado a ocupar um lugar de definição ontológica.

Percebe-se, que os usuários ao comentarem nas postagens, além de apresentarem traços identificatórios com o diagnóstico se nutrem de uma satisfação narcísica advindas das explicações dos sintomas. Isso pode ser verificado nos seguintes comentários: “Pra mim o tdha é como ter um superpoder, e ao mesmo tempo, minha pior fraqueza”; obrigado por me definir também”; “Mundo da Lua ... Era assim que ficávamos quando o assunto não despertava interesse... Hj é TDAH pra tudooo...Seu conteúdo só enriquece nossos dias.”

Além disso, percebe-se que a dimensão diagnóstica passa a se manter num lugar de matriz para constituição do sujeito, onde, ele agora vai poder se explicar ou justificar frente aos questionamentos de si e do social por meio do diagnóstico. O sujeito, agora conquistou um

lugar de fala que era almejado para seu “eu”, porém este lugar de fala não é produzido por si, mas reproduzido a partir do discurso psiquiátrico. Assim sendo, esses usuários vão dizer: “Eu sou muito TDAH. Eu não foco em nada, minha mente é um furacão. É tudo ou nada...”; “Não sei se tenho tdah. Mas, queria realmente saber o pq não consigo fazer nada” observa-se, que experiência vivida nesse sentido passa pela esfera daquilo que o diagnóstico propõe.

Uma constatação fundamental a partir da nossa observação foi que não apenas os sujeitos diagnosticados, apropriam-se da identidade construída, mas também os familiares daqueles sujeitos. Um usuário comenta: “Amo lhe seguir, sou mãe de três TEA, TDAH e outras comorbidades de suporte 2 e 3...” dois outros usuários também comentam: “Eu, como mãe de TEA 3, agradeço pela sua didática e respeito ao explicar o transtorno”; “Obg por tanto você foi tão necessária e acertava nas suas palavras. Nós pais de autista precisamos muito de pessoas como vc parabéns pelo trabalho”. Desse modo, o ganho identitário não é apenas do sujeito, mas também dos parentes que têm o ganho narcísico da desculpabilização em relação aos “desvios” dos filhos.

Durante nossa análise, este comentário se notabilizou-se: “Você é incrível, quando a professora do meu filho me pediu "autorização" para poder fazer um relatório dele, e encaminhar para o ambulatório de Saúde mental infantil da minha cidade, eu comecei a ver os seus vídeos, que me orientaram, e até me acalmaram, nos seus vídeos eu tive certeza que o Laudo viria, XXX X anos, diagnosticado há 8 meses com T.E.A. Obrigada pelo serviço incrível que você faz, espalhando seu conhecimento, e nos ensinando, te admiro Dra, você é iluminada.”

Esse comentário que relata uma situação vivenciada por um familiar nos permite perceber as diversas formas de identificações que o diagnóstico pode produzir no sujeito e o quanto esse discurso psiquiátrico nas redes sociais pode impactar. Percebe-se, que esse discurso é ensinado e apreendido pelos sujeitos e ao mesmo tempo que acalmam quando se diz “seus vídeos, que me orientaram, e até me acalmaram”, porém esse fenômeno só ocorre porque os sujeitos angustiados se identificam com tais descrições. O “acalmar-se”, que está sendo posto no plano dos afetos, aponta para o efeito de significação como barreira à invasão do “sem sentido” da angústia.

Complementando a discussão, observa-se nos comentários expostos até aqui, como os usuários se percebem diante do diagnóstico recebido, bem como fragmentos de conexão de processos sociais e processos de significação do passado do indivíduo, que serão discutidos mais adiante.

4.2 O efeito retroativo de significação do diagnóstico

Outro elemento importante de análise que identificamos a partir dos comentários e subcomentários das postagens, foi o efeito retroativo de significação do “eu”. Ou seja, a compreensão da história de vida e das experiências vivenciadas por esses sujeitos, a partir da identificação e descoberta ou especulação do diagnóstico. Mais especificamente que retroage no tempo ao dar sentido ao passado do sujeito, que passa a ser compreendido a partir do diagnóstico.

É notório essa significação retroativa, quando analisamos comentários como: “Sou a prova viva que autismo não tem cara. Com muita dificuldade e auxílio da minha mãe consegui concluir meu ensino básico aos 16 anos, com trabalhos pequenos com 17 anos comecei a trabalhar em uma universidade que acreditou e investiu no meu estudo com muita dificuldade, limitações, comorbidades conclui o curso de direito e agora por paixão comecei a estudar psicologia e estou imerso na causa autista”. É perceptível nessa fala que o sujeito se apropria do diagnóstico de tal modo que além de usá-lo como referência identitária, também utiliza esse elemento, para justificar traços da sua existência, bem como as dificuldades enfrentadas ao longo da vida e as limitações. Nessa perspectiva, termina o comentário dizendo que hoje está imerso na causa autista, pois passou a se compreender a partir dela.

Outros seguidores também citam: “Quando fui diagnosticada foi um alívio entender que eu não era burra. Sempre tive hiperfoco em matérias humanas, mas quando envolvia números não conseguia entender nada”. “Eu era exatamente assim, a professora me explicava mil vezes e eu no mundo da lua, nunca conseguia entender nada e só chorava”. É comum encontrar nesses comentários falas associadas à época da escola, as dificuldades que sentiam de aprendizado em comparação a outras crianças e de como isso afetou esses sujeitos ao longo da vida, e que tudo isso só passou a fazer sentido após a compreensão sobre o diagnóstico.

No entanto, Gimenes (2015), pontua que o processo de aprendizagem é multifatorial, sendo assim necessário avaliar todo o contexto desse indivíduo, pois diversos fatores podem contribuir para esse processo como o ambiente, os estímulos que foram dados durante a primeira infância, ambiente familiar e o método de aprendizagem oferecido. Desse modo, é um processo muito mais complexo do que se imagina, mas com o crescente discurso em torno dos diagnósticos, fica claro que se passou a ser mais prático se ancorar nesses sintomas, do que avaliar de forma unificada todos os fatores que podem ter contribuído para essa dificuldade de aprendizagem.

Em outros comentários analisados, também é possível ver claramente os fatores que podem ter influenciado as dificuldades da vida desses sujeitos, mas que para eles, tudo só passou a se encaixar depois da descoberta do diagnóstico. “Eu sempre copiava o ditado do meu coleguinha...ouvi a vida toda que eu era inteligente, mas não parava quieta e nem de falar, sempre fui uma aluna mediana. Na pandemia quase surtei porque tinha que trabalhar na frente do computador. Fui investigar o porquê era tão difícil tudo isso e aos 35 anos descobri que tenho TDAH, foi libertador...o laudo e o tratamento foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida”. Nessa fala, é importante destacar os trechos “libertador” e a “melhor coisa que aconteceu na minha vida” utilizados para falar da importância dada à descoberta do diagnóstico, como de fato um divisor de águas e um elemento imprescindível para a compreensão desse sujeito de si mesmo e para o seu mundo externo.

“Eu sempre fui nerd na escola, sempre tive dificuldade de copiar, nunca terminava antes da professora apagar, elas nunca me esperavam, meu caderno desorganizado, eu não entendia minha própria letra...Os anos passaram eu não terminei minha faculdade, pois por não saber anotar nada apenas ouvia os professores e ia passando nas provas...Descobri meu TDAH com 40 anos e hoje entendi que sempre fui nerd, mas eu estava aplicando minha inteligência na área errada.” Posto isso, é notório perceber nas falas acima, que vários fatores da história de vida e das experiências desses sujeitos, passaram a fazer sentido a partir de um diagnóstico. Reverberando, contudo, o conceito já citado anteriormente de “eu social”, e que também podemos relacionar ao conceito de narcisismo secundário desenvolvido por Freud, em sua obra de 1914, que fala da construção e constituição do “eu” a partir das trocas e experiências proporcionadas pelas pessoas do seu meio.

Percebe-se a compreensão desses sujeitos a partir da relação com o outro, das experiências vivenciadas com o meio em que foi desenvolvido esse sujeito, do que foi lhes dito como sendo o normal e adequado ou fora do padrão estabelecido por esse meio. É a partir disso que é estabelecido um conflito identitário no indivíduo, levando a uma sensação de desconexão com o meio. Desse modo, esses indivíduos buscam uma explicação para o seu modo de ser, uma âncora. Essa é a significação do diagnóstico para esses indivíduos, o elemento elucidativo e justificador para as experiências por eles vivenciadas.

4.3 A pertença social através do diagnóstico.

A psiquiatria nasce marcada pelo poder médico jurídico e destinada a corrigir o “anormal”, consequentemente segregando. Hoje, o diagnóstico não tem mais a missão de segregar, mas de “incluir” as pessoas no rol dos manuais e dos psicofármacos, por meio da indústria farmacêutica (Freitas; Reuter, 2021).

Atualmente a sociedade é organizada em grupos de classes e gêneros como pontua Bauman (2001), que expõe que o sujeito se submete a sociedade e o preço da submissão é a sua libertação. Embora seja algo que pareça paradoxal, não há outro meio do sujeito alcançar a libertação se não submetendo a aceitação a essa sociedade.

Conforme afirmado anteriormente, a modernidade líquida se caracteriza, entre outras coisas, pela fragilização dos laços sociais e do sentimento de pertencimento. Em nossa observação dos comentários, percebemos que o diagnóstico ocupa para alguns sujeitos a função de vinculação a um determinado grupo social.

Neste sentido, as falas colhidas remetem a ideia de que o diagnóstico de um sofrimento psíquico, nomeado de algum transtorno mental pode propiciar vínculos entre os sujeitos que sofrem psiquicamente e receberam um diagnóstico psiquiátrico como se verifica neste comentário: “Eu já amava te seguir e assistir aos conteúdos, agora então. Gratidão por abrir essa porta! Você é uma fonte de escuta que vai disseminar muito conhecimento. A família atípica agradece!” Constata-se que a usuária utiliza o termo “família atípica” para denominar o pertencimento a um grupo de pessoas que foram diagnosticadas com um determinado transtorno. O significante “família”, de largo uso na cultura, permite o vislumbre de laços sociais mais estáveis e “sólidos”, na perspectiva do que contrasta com a liquefação dos laços na contemporaneidade.

Assim, tais discussões nas redes sociais são apenas um espelho do que ocorre no meio social se associarmos com aquilo que Almeida e Neves (2020), aborda sobre o discurso psiquiátrico, pois o diagnóstico pode acionar fortes dispositivos grupais como associações de pais que proporcionam tanto uma luta por assistência, como também oportunizam aos pais as mais variadas identificações, desde os sintomas até a militância.

As associações de pais, reconhecidas em sua diversidade, parecem constituir-se para o indivíduo que participa como uma resistência ao que foi deflagrado no individualismo pós-moderno e está posto nos dias de hoje. Forma-se, assim uma comunidade que possui e luta pelos mesmos objetivos (Almeida; Neves, 2020, p.9).

Destarte, em nossas análises percebemos que o diagnóstico tem o poder de fazer com que os indivíduos que se identificam com algum transtorno, também se identifiquem entre si,

apoiando a mesma causa, criando grupos e comunidades e disseminando o discurso psiquiátrico, principalmente no ambiente virtual das redes sociais, de modo a ganhar mais engajamentos.

Podemos perceber esses fatos quando analisamos os seguintes comentários deixados em um dos vídeos da influencer: “Me identifico 110%”; “Obrigada por ser tão esclarecedora e por tanto contribuir com a nossa campanha azul”; “Precisamos reconhecer o papel fundamental das mães de crianças autistas que enfrentam uma jornada repleta de desafios físicos, emocionais e sociais”; “Preciso confessar que apesar de muitos sofrimentos eu também percebo muitos benefícios no meu TDAH”. Nessas falas podemos perceber o que parece ser um “orgulho” de pertencer a um grupo de pessoas ou a uma comunidade de pessoas com algum transtorno. Torna-se de fato uma causa de vida, que traz imensos ganhos sociais para os indivíduos pertencentes a essa causa, como a sensação de aceitação, visibilidade e de pertencimento.

Outro comentário de grande relevância para análise foi o seguinte: “A pior parte de ter uma doença mental é que as pessoas esperam que você se comporte como se não tivesse”. Nesse comentário, podemos perceber a apropriação da ideia de se ter uma doença mental, e o que esse indivíduo espera socialmente, ser vista da forma que é, e fazer parte da esfera social. Percebe-se, ainda, que o sujeito espera uma validação e a apreciação da sociedade em relação ao seu sofrimento psíquico.

Nessa direção, assim como já foi abordado aqui, o diagnóstico psiquiátrico tem uma forte influência social e com alta capacidade de mobilização na formação de grupos e associações que se identificam ou recebem laudo de algum transtorno mental.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo geral estudar os diversos traços identificatórios do sujeito diante do diagnóstico psiquiátrico por meio da observação online na rede social Instagram. Com base nos resultados obtidos ao longo da pesquisa, pode-se afirmar que o objetivo proposto foi alcançado.

O presente estudo evidenciou a presença de uma "epidemia" de contágio dos sujeitos com o discurso psiquiátrico. Percebeu-se que esses sujeitos manifestavam diversas identificações com o diagnóstico, tanto de maneira explícita, ao explicar sua vivência a partir do diagnóstico, como também ao engajar-se em grupos e associações ligadas a temática do diagnóstico, quanto de maneira implícita, ao legitimar o discurso das postagens.

Assim, é importante reter que muitos sujeitos agrupam diversos diagnósticos, pois apenas uma nomenclatura diagnóstica se mostra insuficiente para abarcar o sofrimento do sujeito. Sendo assim, o sujeito insatisfeito tem a necessidade de aumentar seu leque de diagnósticos levando a novas identificações por meio de mais nomenclaturas diagnósticas, como se fosse uma “compulsão por diagnóstico”.

Além disso, não se trata apenas de dizer que o diagnóstico psiquiátrico causa a ausência de simbolização e significação do sofrimento do sujeito, mas de um fenômeno que vai mais além, que é a produção em massa de novas de identificações que esses sujeitos se utilizam na constituição de si. Deslocando sua experiência vivencial a um suposto saber médico-psiquiátrico.

Dessa forma, entende que os impactos que essas postagens podem trazer para os sujeitos após a análise dos comentários e sub comentários e dos resultados e discussão deste trabalho. É o entendimento de que as redes sociais são uma forte potencializadora do discurso psiquiátrico, pois os profissionais “psis” propagam essas descrições a fim de gerar identificações aos sujeitos, com o intuito de fortalecer o fazer da psiquiatria e conseqüentemente legitimar a indústria farmacêutica, conforme afirmam autores como Rose (2020), Dunker (2014) e outros.

Nessa perspectiva, percebeu-se que esse estudo trouxe um reflexo da contemporaneidade, período em que as instituições sólidas foram diluídas e agora o sujeito busca novas formas de identificação. Sendo assim, constatou-se que os sujeitos utilizam o diagnóstico psiquiátrico não apenas como efeito presente, mas também retroativo em que buscam explicar situações passadas consideradas adversas para o sujeito à luz do diagnóstico. Ou seja, o diagnóstico perpassa toda a vivência não apenas o momento que o sujeito recebe o laudo.

Verificou-se, ainda nas postagens, a carência de questionamentos e debates nos comentários sobre o conteúdo divulgado, o que leva a considerar que os sujeitos estão mais engajados em identificar-se com o que está sendo emitido enquanto discurso psiquiátrico. Assim o sujeito pode estar distanciando de si as angústias vividas, bem como sua capacidade de pensar e simbolizar tais vivências.

É certo que este trabalho é introdutório acerca da temática discutida, visto a limitação do próprio trabalho e por se tratar de um fenômeno demasiadamente complexo. Portanto, não tem a presunção de encerrar os questionamentos aqui apresentados, mas antes apontar para um fio de conexão entre as formas de identificação do eu com o diagnóstico psiquiátrico.

Por fim, é possível observar que este estudo, ao se propor mergulhar em um ambiente múltiplo e fluido que são as redes sociais contribuiu para abrangência teórica-científica, visto que os espaços digitais são áreas que exigem adequação metodológica, mas também desperta para que mais pesquisadores se apropriem do meio e dos fenômenos que emergem neste ambiente relacionados a constituição do sujeito.

Contudo, as limitações deste estudo se manifestam no desdobra-se da aplicação da metodologia de análise de conteúdo, que facilita a incorporação das influências subjetivas dos autores na escrita. Isso ocorre porque a análise exige a percepção e interpretação de cada comentário e subcomentário, podendo despertar diferentes interpretações subjetivas dos pesquisadores. De qualquer forma, conforme afirmam os epistemólogos Figueiredo (1945) e Latour (1994), entre outros, a ideia de uma pesquisa científica neutra, desprovida de qualquer influência dos seus agentes, é, no mínimo, ingênua. A psicanálise, desde Freud, já demonstrou o quanto o ato cognoscente não se resume a uma suposta racionalidade transcendente, como afirma Descartes, mas carrega as marcas do sujeito do inconsciente. É esse que se esgueira na fluidez virtual para produzir um sentido sobre si mesmo, inclusive através da pesquisa.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, A. A. **Psiquiatria no divã: entre as ciências da vida e a medicalização da existência**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

ALMEIDA, M. L.; NEVES, A. S. A Popularização Diagnóstica do Autismo: uma Falsa Epidemia? **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 40, p. e180896, 2020.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Portugal: Lisboa Edições, 1977.

BARONI, D. P. M.; VARGAS, R. F. S.; CAPONI, S. N. Diagnóstico como nome próprio. **Psicologia & Sociedade**, v. 22, n. 1, p. 70–77, 2010.

BENIGNO, L. de F. **Sobre o Eu em Psicanálise: a tecedura de uma ficção**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

CAPONI, S. Michel Foucault e a persistência do poder psiquiátrico. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, n. 1, p. 95–103, 2009.

CORREA, F. **Um estudo qualitativo sobre as representações utilizadas por professores e alunos para significar o uso da internet**. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2013.

- DUNKER, C. I. L. Questões entre a psicanálise e o DSM. **J. psicanal.**, São Paulo, v. 47, n. 87, p. 79-107, 2014. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v47n87/v47n87a06.pdf>. acessos em 08 jun. 2024.
- DUNKER, C. I. L. Descartes e o método psicanalítico. **Estudos Lacanianos**, v. 1, n. 1, p. 169-186, 2008.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**: ensaios de metapsicologia e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FULGENCIO, L. A teoria da libido em Freud como uma hipótese especulativa. **Agora: estudos em teoria psicanalítica**, v. 5, p. 101-111, 2002.
- FIGUEIREDO, L. C. M. **1945 - Matrizes do pensamento psicológico**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- FIGUEIREDO, A. C.; TENÓRIO, F. O diagnóstico em psiquiatria e psicanálise. **Revista Latino-americana De Psicopatologia Fundamental**, v. 5, n. 1, p. 29-43, 2002.
- FREITAS, C. D. R.; REUTER, B. Modos de subjetivação e discurso psiquiátrico: implicação e repercussão do diagnóstico psiquiátrico na construção de identidade do sujeito. **Saúde e Sociedade**, v. 30, n. 1, p. e200172, 2021.
- GARCIA-ROZA, L. **Introdução à Metapsicologia Freudiana**: Artigos da metapsicologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOMIDE, F.; GIMENES, O. Práticas pedagógicas: repensando a atuação do professor em sala de aula. **Diversas práticas**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 128-148, 2019.
- JORGE, M.; FERREIRA, N. **Lacan, o grande freudiano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- MARTINHAGO, F.; CAPONI, S. Controvérsias sobre o uso do DSM para diagnósticos de transtornos mentais. **Physis: Revista De Saúde Coletiva**, v. 29, n. 2, p. e290213, 2019.
- MELO, G. R. Reflexões acerca da prática clínica em Gestalt-terapia: aproximações e divergências com o Intuicionismo Bergsoniano. **IGT rede**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 23, p. 430-442, 2015. Disponível em <https://igt.psc.br/ojs3/index.php/IGTnaRede/article/view/446>. Acesso em: 08 jun. 2024.
- MENDES, R.; MISKULIN, R. A análise de conteúdo como uma metodologia. **A análise de conteúdo como uma metodologia**, São Paulo, v. 1, p. 4-6, 2016.

PALAZZI, A.; SCHMIDT, B.; PICCININI, C. A. Observação on-line das interações familiares: Considerações para a pesquisa. **Revista de Psicologia da IMED**, v. 13, n. 2, p. 159-174, 2021.

PERUZZOLO, A. R. Do TikTok ao Think Talk Será que é possível? **Jornal de Psicanálise**, v. 56, n. 104, p. 119-129. 2023.

ROSSETTI, R. Bergson e a Natureza Temporal da Vida Psíquica. **Psicologia: Reflexão E Crítica**, v. 14, n. 3, p. 617–623, 2001.

ROSE, N. **Nuestro futuro psiquiátrico**. Madrid: Ediciones Morata, 2020.

SILVA, M. BARBOSA, M. A.; LIMA, L. G. B. Usos e possibilidades metodológicas para os estudos qualitativos em administração: explorando a análise temática. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 112, 2019.

WHITAKER, R. **Anatomia de uma epidemia: pílulas mágicas, drogas psiquiátricas e o aumento assombroso da doença mental**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2017.